

1. Dados biográficos.

Nascido em Lyon, França, a 3 de outubro de 1804, Kardec recebeu na pia batismal o nome de Hippolyte Léon Denizard Rivail. No dia 6 de fevereiro de 1832, casou-se com Amélie Gabrielle Boudet. Sua desencarnação ocorreu em Paris em 31 de março de 1869, quando contava 64 anos e meio.

Filho de tradicional família francesa que se destacara na magistratura, Kardec nasceu em ambiente católico, mas foi educado no protestantismo. Aluno e depois discípulo de Pestalozzi, foi uma pessoa devotada à educação e um entusiasta do sistema de ensino criado por seu mestre e que exerceu grande influência na França e na Alemanha. Falava fluentemente o alemão, o inglês, o italiano e o espanhol, assim como o holandês. Tradutor das obras de Fénelon para o alemão, verteu também para o francês diversas obras inglesas e alemãs, mas foi no magistério que estava a sua indiscutível vocação.

No período de 1835 a 1840, organizou em sua casa em Paris cursos gratuitos de química, física, astronomia e anatomia comparada, que eram muito freqüentados. Aos 27 anos, em 1831, foi premiado em concurso pela apresentação de um trabalho intitulado: "Qual o sistema de estudo mais em harmonia com as necessidades da época?" Nessa mesma época, ele preparava todos os cursos de Levy-Alvares, freqüentados por discípulos de ambos os sexos do "fauborg" Saint-Germain.

Voltado para a educação, escreveu inúmeras obras didáticas no período de 1824 a 1849, tais como: "Curso prático e teórico de Aritmética", segundo o método de Pestalozzi, para uso das mães e dos professores (ele contava então 20 anos de idade); "Plano apresentado para o melhoramento da instrução pública" (aos 24 anos); "Gramática Francesa Clássica" (aos 27 anos); "Manual dos exames para obtenção dos diplomas de capacidade, soluções racionais das questões e problemas de Aritmética e Geometria" (aos 42 anos); "Catecismo gramatical da língua francesa" (aos 44 anos); "Ditados normais dos exames na municipalidade e na Sorbonne" e "Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas" (aos 45 anos). Nessa época (1849), Kardec lecionava no Liceu Polimático de Paris, regendo as cadeiras de fisiologia, astronomia, física e química.

2. Kardec e o Espiritismo.

Duas fases distintas marcam a vida de Kardec. A que nos interessa mais de perto começaria em 1854, quando ele ouviu pela primeira vez falar das mesas girantes. Seis anos antes, desde os insólitos fenômenos de Hydesville, iniciados em 31/3/1848, a imprensa vinha relatando os curiosos fenômenos de *raps* e agora as mesas que giravam e respondiam perguntas.

O sr. Fortier, magnetizador e companheiro de Kardec em estudos sobre o magnetismo, foi o primeiro a lhe falar no assunto. Era o ano de 1854. "As mesas não apenas giravam, mas também falavam..." - disse-lhe Fortier. A resposta de Kardec ficou célebre: "Isso é uma outra questão: eu só acreditarei quando puder ver e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que se pode tornar sonâmbula. Até lá, permita-me dizer: isso não passa de uma história da carochinha, boa para provocar o sono".

Em 1855, Kardec ouve do sr. Carlotti, seu amigo há 25 anos, uma descrição entusiasmada dos fenômenos das mesas girantes. A exaltação do sr. Carlotti era tanta, que isso, longe de o convencer, mais dúvidas criou na cabeça de Kardec.

Pouco tempo depois, no mês de maio de 1855, Kardec vai à casa da sra. Roger, com Fortier, seu magnetizador, que lhe apresentaram o sr. Pâtier e a sra. Plainemaison. Pâtier era funcionário público de certa idade, de caráter grave, frio e calmo. Sua linguagem pausada, isenta de todo o entusiasmo, produziu em Kardec viva impressão. O codificador teve curiosidade e desejo de ver uma experiência e, assim, convidado pelo sr. Pâtier, Kardec foi à casa da sra. Plainemaison, onde na noite de uma terça-feira do mês de maio de 1855, às 20 horas, ele assistiu pela primeira vez ao fenômeno das mesas girantes, que "saltavam e corriam em condições tais, que a dúvida não era possível".

Em suas memórias, Kardec conta que ali vira também "alguns ensaios muito imperfeitos de escrita mediúnica em uma ardósia, com o auxílio de uma cesta". Suas idéias longe estavam de haver-se modificado, mas aquilo lhe parecia a revelação de uma nova lei, que a si mesmo prometeu aprofundar.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

Kardec conheceu depois a família Baudin, que fazia sessões semanais regulares em sua casa. As médiuns eram as srtas. Julie e Caroline Baudin, que escreviam com o auxílio da cesta (tupia), como um pão ou uma carapeta. O método exigia o concurso de 2 pessoas, o que exclui a possibilidade de interferência das idéias dos médiuns nas comunicações.

Kardec a elas comparecia assiduamente e foi ali que fez seus primeiros estudos sérios a respeito do Espiritismo. Ele logo observou que os espíritos, sendo as almas dos homens que haviam partido, não possuíam nem a sabedoria, nem a soberana ciência e que seu saber era limitado ao grau do seu adiantamento e que, portanto, sua opinião não tinha senão o valor de uma opinião pessoal. Isso --diz Kardec-- evitou-lhe o grave problema de crer na infalibilidade dos espíritos e o preservou de formular teorias preconcebidas e prematuras baseadas na opinião de um só ou de alguns deles. As comunicações com os espíritos provavam, sem dúvida, a existência do mundo invisível, mas os espíritos surgiam aos seus olhos como "*elementos de instrução*", não como "*reveladores predestinados*".

Em 1856, Kardec passou a freqüentar as reuniões em casa do sr. Roustan, com quem trabalhava a médium srta. Japhet, que obtinha comunicações interessantes com o auxílio da cesta aguçada, arranjada em forma de bico.

3. O método kardequiano e a obra da codificação.

Herculano Pires sintetiza em 4 pontos o chamado método kardequiano, que nos possibilitou a codificação da Doutrina Espírita, uma obra que o tempo cada vez mais confirma e reafirma, sem nela produzir um único arranhão:

1º. Escolha de colaboradores mediúnicos insuspeitos, do ponto de vista moral, da pureza das faculdades e da assistência espiritual. (Kardec repassava as respostas obtidas anteriormente ao crivo de outros espíritos, através de médiuns diferentes. Assim é que ele trabalhou com as srtas. Caroline e Julie Baudin, Japhet, Aline e Solichon, as sras. E. Dufaux, Schmidt e Forbes e o sr. Crozet, dentre outros.)

2º. Análise rigorosa das comunicações. (Kardec diz no L.M. que "não existe uma comunicação má que possa resistir a uma crítica rigorosa" (cap. 24, item 266). E, na mesma obra, ele consigna a orientação de Erasto: mais vale repelir dez verdades do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa (cap. 20, item 230).)

3º. Controle dos espíritos comunicantes, através da coerência de suas comunicações e do teor de sua linguagem.

4º. Consenso universal: concordância entre as várias comunicações, através de médiuns diversos em diferentes lugares. (A "Revista Espírita" foi fundamental para isso. O LE surgiu inicialmente com 501 questões, em 18/4/1857. Na quinta edição, ocorrida em 1861, já eram 1.018 questões. Kardec era o centro mundial que recebia mensagens e comunicações de todos os cantos, inclusive do Brasil. Kardec escreveria em 1864, no item II da introdução ao "Evangelho segundo o Espiritismo": "A única garantia séria do ensinamento dos espíritos está na concordância que existe entre as revelações feitas espontaneamente, por intermédio de um grande número de médiuns, estranhos uns aos outros, e em diversos lugares".)

De seu trabalho resultaram três grandes realizações: 1) Seus 10 livros, que tiveram início em 18/4/1857 com o lançamento d' O Livro dos Espíritos; 2) A "Revista Espírita" que ele lançou em 1º de janeiro de 1858 e dirigiu até março/1869, e, 3) A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, fundada em 1º de abril de 1858. Antes da Sociedade, não havia centros espíritas propriamente ditos, diz Deolindo Amorim, porque a Doutrina não existia quando surgiram os primeiros grupos nos EUA, na esteira dos fenômenos de Hydesville.

Os demais livros de Kardec, indispensáveis a quem deseja estudar a Doutrina, são: "O Livro dos Médiuns" (1861), "O Evangelho segundo o Espiritismo" (1864), "O Céu e o Inferno, ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo" (1865) e "A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo" (1868), complementadas pelos livros "Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas" (1858), "O que é o Espiritismo" (1859), "O Espiritismo na sua Mais Simples Expressão" (1862), "Viagem Espírita em 1862" (1862) e "Obras Póstumas", publicado em 1890.

4. Kardec e o Espírito de Verdade.

A 25 de março de 1856 estava Kardec em seu escritório, trabalhando no preparo d' O Livro dos Espíritos, quando ouviu ressoarem pancadas repetidas na parede. Ele procurou, sem sucesso, a causa dos ruídos e voltou ao trabalho. Sua mulher, Amélie, entrando cerca das 10 horas no escritório, ouviu os mesmos ruídos. De novo, procuraram localizar a causa do barulho, sem nenhum resultado, e as coisas foram se repetindo de tal modo que bastava Kardec voltar à tarefa e as pancadas se faziam ouvir em diferentes pontos da sala.

No dia seguinte, na reunião que se realizava em casa do sr. Baudin, Kardec pediu aos espíritos explicação para o fato. Ele transcreve em "Obras Póstumas" o diálogo que então se verificou na reunião:

"- Ouvistes o fato que acabo de narrar. Podereis dizer-me a causa dessas pancadas que se fizeram ouvir com tanta insistência?

- Era o teu espírito familiar.
- Com que fim vinha ele bater assim?
- Queria comunicar-se contigo.
- Podereis dizer-me o que queria ele?
- Podes perguntar a ele mesmo, porque está aqui.
- Meu espírito familiar, quem quer que sejais, agradeço-vos terdes vindo visitar-me. Quereis ter a bondade de dizer-me quem sois?
- Para ti chamar-me-ei Verdade, e todos os meses, durante um quarto de hora (15 minutos), estarei aqui à tua disposição.
- Ontem, quando batestes, enquanto eu trabalhava, tínheis alguma coisa de particular a dizer-me?
- O que eu tinha a dizer-te era sobre o trabalho que fazias. O que escrevias me desagradava e eu queria fazer-te parar.
- A vossa desaprovação versava sobre o capítulo que eu escrevia, ou sobre o conjunto do trabalho?
- Sobre o capítulo de ontem: faço-te juiz dele. Torna a lê-lo esta noite e reconhecerás os erros e os corrigirás.
- Eu mesmo não estava muito satisfeito com esse capítulo e o refiz hoje. Está melhor?
- Está melhor, mas não muito bom. Lê da 3ª à trigésima linha e reconhecerás um grave erro.
- Rasguei o que tinha feito ontem.
- Não importa. Essa inutilização não impede que subsista o erro. Relê e verás."

5. A missão de Kardec.

No dia 12 de junho de 1856, por intermédio da srta. Aline, o Espírito de Verdade lhe fala sobre sua missão como codificador do Espiritismo. Kardec não percebia o que poderia justificar nele tal graça, quando tantos outros possuíam talento e qualidades que ele não reunia. O Espírito de Verdade confirmou o que alguns Espíritos já haviam dito, recomendando-lhe discrição, se quisesse sair bem:

- "Não esqueças que podes triunfar, como podes falir", advertiu. "Neste último caso, outro te substituiria, porquanto os desígnios de Deus não assentam na cabeça de um homem."

Na seqüência da mensagem, o Espírito de Verdade diz que a assistência espiritual não lhe faltaria, mas que a missão dos reformadores é prenhe de escolhos e perigos:

- "Previno-te de que é rude a tua, porquanto se trata de abalar e transformar o mundo inteiro. Não suponhas que te baste publicar um livro, dois livros, dez livros, para em seguida ficares tranqüilamente em casa. Tens que expor a tua pessoa. Suscitarás contra ti ódios terríveis; inimigos encarniçados se conjurarão para tua perda; ver-te-ás a braços com a malevolência, com a calúnia, com a traição mesma dos que te parecerão os mais dedicados; as tuas melhores instruções serão desprezadas e falseadas; por mais de uma vez sucumbirás sob o peso da fadiga; numa palavra: terás de sustentar uma luta quase contínua, com sacrifício do teu repouso, da tua tranqüilidade, da tua saúde e até da tua vida, pois, sem isso, viverias muito mais tempo".

E o Espírito de Verdade continuou:

- "Não poucos recuam quando, em vez de uma estrada florida, só vêem sob os passos urzes, pedras agudas e serpentes. Para tais missões, não basta a inteligência. Faz-se mister, primeiramente, para agradar a Deus, humildade, modéstia e desinteresse, visto que Ele abate os orgulhosos, os presunçosos e os ambiciosos. Para lutar contra os homens, são indispensáveis coragem, perseverança e inabalável firmeza. Também são de necessidade prudência e tato, a fim de conduzir as coisas de modo conveniente e não lhes comprometer o êxito com palavras ou

medidas intempestivas. Exigem-se, por fim, devotamento, abnegação e disposição a todos os sacrifícios. Vês, assim, que a tua missão está subordinada a condições que dependem de ti."

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

No dia 1^o de janeiro de 1867, dez anos e meio depois da comunicação a que nos referimos, Kardec escreveu uma nota, que é transcrita abaixo da mensagem, no livro "Obras Póstumas" (FEB, 11^a edição, págs. 254 e 255):

- "Escrevo esta nota a 1 de janeiro de 1867, dez anos e meio depois que me foi dada a comunicação acima e atesto que ela se realizou em todos os pontos, pois experimentei todas as vicissitudes que me foram preditas. Andei em luta com o ódio de inimigos encarniçados, com a injúria, a calúnia, a inveja e o ciúme; libelos infames se publicaram contra mim; as minhas melhores instruções foram falseadas; traíram-me aqueles em quem eu mais confiança depositava; pagaram-me com a ingratidão aqueles a quem prestei serviços.

- "A Sociedade de Paris se constituiu foco de contínuas intrigas urdidas contra mim por aqueles mesmos que se declaravam a meu favor e que, de boa fisionomia na minha presença, pelas costas me golpeavam. Disseram que os que se me conservavam fiéis estavam a meu soldo e que eu lhes pagava com o dinheiro que ganhava do Espiritismo.

- "Nunca mais me foi dado saber o que é o repouso; mais de uma vez sucumbi ao excesso de trabalho, tive abalada a saúde e comprometida a existência.

- "Graças, porém, à proteção e assistência dos bons Espíritos que incessantemente me deram manifestas provas de solicitude, tenho a ventura de reconhecer que nunca senti o menor desfalecimento ou desânimo, e que prossegui, sempre com o mesmo ardor, no desempenho da minha tarefa, sem me preocupar com a maldade de que era objeto.

- "Mas, também, a par dessas vicissitudes, quê de satisfações experimentei, vendo a obra crescer de maneira tão prodigiosa! Com que compensações deliciosas foram pagas as minhas tribulações! Quê de bênçãos e de provas de real simpatia recebi da parte de muitos aflitos a quem a Doutrina consolou!"

Londrina, 22/8/93.
Astolfo O. de Oliveira Filho